



Fotografia RUI CARIA

O AngraJazz cumpriu 25 anos numa edição especial com oito concertos e outras atividades. A jazz.pt presta contas do que por lá viu e ouviu.

In memoriam António Rubio e Fernando Gomes

No centro de Angra do Heroísmo, descemos a rua da Sé, ladeamos esta, viramos à direita na rua da Palha, cruzamos a rua da Rosa, e, com a magnífica baía mesmo em frente, encontramos à esquerda uma casa pintada de azul claro, hoje à venda, de onde se destaca, ainda que de forma tímida, uma placa de azulejos onde se pode ler: “Residência temporária em maio de 1902 do insigne poeta Fernando Pessoa oriundo desta cidade pelo lado materno”. Quando se aprestava para completar 14 anos de idade, Pessoa passou nove dias na ilha, na primeira e única vez que lá foi. A mãe, Maria Madalena Pinheiro Nogueira, nascera nesta cidade a 30 de dezembro de 1861. Deste lado da família fazia também parte o tio Cunha, alguém cujo papel terá sido fundamental para nutrir o interesse do pequeno Fernando em criar diferentes personagens ficcionais e também pelo mundo dos jornais. Nessa casa da baixa angrense, onde viviam a tia Anica e o primo Mário, foi com este que o pequeno Fernando se dedicou a inventar notícias e a criar jornais de faz de conta, como A Palavra. Descreverá com saudade: «A pequena praia, formando uma baía

pequeníssima, excluída do mundo por dois promontórios em miniatura, era, naqueles fins, o meu retiro de mim mesmo.» Vêm à memória estas andanças pessoanas no rescaldo da 25.^a edição do Angrajazz – Festival Internacional de Jazz de Angra do Heroísmo, que decorreu nos dias 2, 3, 4 e 5 de outubro, organizado pela Associação Cultural Angrajazz. Desde 1999, o festival, assumidamente generalista, consolidou-se como um dos mais respeitados festivais de jazz nacionais, reforçando, ano após ano, a aposta num jazz afim da tradição, mas que gosta de abrir o leque de propostas. Para além dos concertos principais no Centro Cultural e de Congressos (uma antiga praça de touros transformada em espaço cultural), houve jazz em diversos locais da cidade património mundial com a iniciativa “Jazz na Rua”, *jam sessions* na Casa do Sal, masterclasses e sessão de trabalho com alunos de escolas de música. Vinte e cinco anos, edição redonda, oito concertos.

A abertura do festival, no dia 2 de outubro, ficou a cargo, como é da praxe, da Orquestra Angrajazz, *big band* criada em 2002 e assumida como o projeto que é a “menina dos olhos” da Associação, sob a direção musical empenhada e frutuosa de Pedro Moreira e Claus Nymark. A formação tem vindo a desenvolver um trabalho notável, rastreável de ano para ano, quer no plano coletivo – a relojoaria da massa orquestral é cada vez mais refinada, audível nas articulações entre naipes, nas dinâmicas e acentuações – quer individual – são cada vez mais os músicos a aventurarem-se em solos que aportam qualidade ao todo. A abertura fez-se com uma versão plácida do clássico “Moon River”, de Henry Mancini – cujo centenário do nascimento se assinala este ano –, num arranjo de Quincy Jones. Paulo Borges, no trompete, mostrou a razão pela qual é um dos músicos locais mais evoluídos da formação. Seguiram-se “A Sleeping Bee”, *standard* de Harold Arlen, aqui com arranjo do convidado deste ano, o saxofonista valenciano Perico Sambeat, e “In Your Own Sweet Way”, de Dave Brubeck (que alegadamente a dedicou a Miles Davis, que, no seu modo explosivo, o havia acusado de que a sua música era cerebral e desprovida de alma). Sambeat solou com naturalidade e fluidez assinaláveis. O jovem Guilherme Costa também rubricou uma intervenção que despertou a atenção. “Chelsea Bridge”, balada intemporal de Billy Strayhorn, contou com solo elegantíssimo de Sambeat (pairou por ali o espectro de Johnny Hodges), desta vez mostrando todo o seu lirismo. Um dos momentos mais interessantes aconteceu em “Venus de Milo” – do eterno “Birth of the Cool” – numa orquestração rica, com menos sopros, mas conservando toda a graciosidade. Tomás Reis é outro jovem músico terceirense cujo nome importa reter. Mancini regressou em “Days of Wine and Roses”, com Claus Nymark no trombone a lembrar-nos do grande solista que é. Tempo ainda para visitar “Muñequita Linda” e “On the

Ginza”, de Wayne Shorter, escrita para os Jazz Messengers de Art Blakey, epílogo ideal para o concerto de uma orquestra que persevera e não cessa de surpreender, mesmo quem há muito acompanha a sua trajetória.

No segundo concerto da noite apresentou-se o quarteto liderado pela saxofonista e compositora Camilla George, nascida em Eket, na Nigéria, e parte integrante da nova cena do jazz londrino. Com ela estiveram o teclista e vocalista Renato Paris, o baixista Jihad Darwish e o baterista português Zoe Pascal (filho do baixista Theo Pascal). Especialmente interessada no cruzamento entre as músicas africanas e ocidentais, George é uma saxofonista indubitavelmente talentosa, com um estilo que cruza passagens mais fogosas com outras de maior espiritualidade, sendo detetáveis traços referenciais que passam por Coltrane, Shepp, Sanders, mas também por Fela Kuti e outros músicos africanos. Trazendo as questões políticas para o centro da sua abordagem, sublinha a ligação poderosa com a herança nigeriana, espelhando a história, a cultura e as provações por que passaram muitos povos do continente. A sua aparição açoriana centrou-se nos seus dois álbuns mais recentes, “The People Could Fly”, de 2018 – fundado na crença de que os povos africanos podem voar para se libertarem das grilhetas da escravatura –, e “Ibio Ibio”, de 2022, que a própria descreve como um álbum de celebração das raízes, da criação e da comunidade. O povo ibibio, aparentado com os anang, é o mais antigo povoador da Nigéria. «Representam a comunidade e a união – algo que, nestes tempos cada vez mais estranhos, me dá orientação, esperança e conforto», disse a propósito. Atormentado por problemas técnicos ao longo de todo o concerto (sobretudo o baixista, devido a exigências que não correram bem), o quarteto arrancou com a pulsação colorida de “Tappin the Land Turtle”, de “The People Could Fly”, com um solo desenvolvido de George. Renato Paris entregou o primeiro de vários solos de piano/teclados e *scats*, de interesse desigual, a espaços entediante. O baixista, virtuoso, apenas entusiasmou quando injetou combustível no motor rítmico. Estimulante foi o *groove* que emanou de “Ekpe”, do álbum mais recente, alusão a uma sociedade secreta de que fizeram parte o pai e o avô da saxofonista. Darwish entregou outro solo e desvelou a ligação estreita ao baterista, que, com os seus polirritmos de inspiração africana, se revelou essencial para o que de melhor a formação entregou. “The Long Juju Slave Route of Arochoku” elevou os níveis energéticos, num dos pontos altos de um concerto que, não obstante os momentos interessantes, raramente empolgou.



O segundo dia do festival arrancou com um duo de pianistas que há mais de trinta anos não cruzavam caminhos jazzísticos: Mário Laginha e João Paulo Esteves da Silva. Com um ano de diferença no cartão de cidadão, Laginha e Esteves da Silva chegaram a gravar em duo, no início da década de 1990, no projeto *Almas e Danças*, estando essas gravações inéditas até hoje (sacrilégio!). Este foi, portanto, um reencontro histórico. Trocaram encómios, exaltaram a admiração mútua, lembraram caminhos comuns. Compositores-pianistas, pianistas-compositores, inseridos na tradição ocidental e nomes maiores daquilo a que poderíamos considerar de nova música portuguesa, o jazz é “casa-mãe” de ambos, desde cedo sob o signo de Keith Jarrett, influência primordial. Senhores de pianismos distintos e complementares, com claros pontos de contacto, sobretudo o culto da vertente melódica e um lirismo tocante. Escutá-los a entrelaçarem as suas abordagens idiossincráticas foi um deleite. Notabilíssima a forma como os dois músicos pegaram nas melodias-base e as trabalharam, exploraram, expandiram, para a elas regressarem, como quem regressa a um porto seguro. O que escutamos em Angra do Heroísmo foi um verdadeiro diálogo, com tudo o que tem de mais nobre: um processo biunívoco de enriquecimento, feito de aproximações, distanciamentos, e reencontros benfazejos. Há jazz, há uma sensibilidade clássica, há tradição

portuguesa. A função a dois começou com a graciosidade de “Samba Leve”, de João Paulo; seguiram-se o intemporal “Mack the Knife” e o magnífico “Adeus, América”, um country-rock de homenagem a Jarrett, como lhe chamou Esteves da Silva, tema ressuscitado três décadas depois. “Jaamm Rek” – retirado de “Atlântico”, álbum de 2020, de Láginha com Julian Argüelles e Helge Norbakken – aportou um sabor africano, um «olá de empatia para com o outro» – e “Olhos Negros” interpelou a tradição musical terceirense. “Fado-Choro”, de Láginha, é uma espécie de micro-sonata com dois temas de tonalidades distintas. Deslumbrante foi a interpretação de “Certeza”, tema que Esteves da Silva tem revisitado em diferentes contextos, «um dos maiores *standards* do jazz português», como sublinhou Mário Láginha. Um curto *encore*, “Despedida”, encerrou um concerto que foi pináculo do festival e que perdurará na memória pela torrente emocional que espoletou.



O segundo concerto da noite ficou a cargo do quarteto da cantora (também, noutros contextos, guitarrista, pianista e percussionista) norte-americana Catherine Russell, representante de uma longa linhagem de cantoras de jazz e que se apresentava pela segunda vez em Portugal (depois de em 2018 ter atuado no

Guimarães Jazz com a Millennial Territory Orchestra de Steven Bernstein). A cantora, de 68 anos, que colaborou com um rol impressionante de artistas, como David Bowie, Steely Dan ou Madonna, está num pico de forma vocal e a formação que a acompanhou revelou-se irrepreensível: Roy Dunlap, pianista cumpridor, mas nem sempre igualmente interessante nas ideias que aportava, um seguro Tal Ronen no contrabaixo, e esse verdadeiro dínamo que é Domo Branch na bateria, dos três o que mais impressionou. A cantora centrou o concerto nos dois álbuns mais recentes, “Send For Me”, lançado em 2022, e “My Ideal”, dueto com o pianista Shane Mason, acabado de editar pela Dot Time. Abriu com um rápido e desde logo empolgante “We the People”, de Fats Waller, lançando o tom para o que se seguiria, sobretudo canções dos anos vinte aos anos cinquenta, num honesto e sentido exercício de revisitação de temas de um passado que hoje, na era do imediatismo, já parece muito longínquo. Sublinhando a sua apetência por apresentar temas menos conhecidos de artistas famosos, entregou de rajada leituras escorregadas de “Send for Me”, de Nat King Cole, “Did I Remember”, homenagem a uma das suas referências de sempre, Billie Holiday, tal como é Helen Humes, de quem interpretaria “Do What You Did Last Night”. Um dos momentos mais surpreendentes aconteceu em “A Porter’s Love Song (To A Chambermaid)”, velha canção de James P. Johnson versando os trabalhadores do Harlem durante os tempos difíceis da Grande Depressão. Houve “Ain’t That Love”, de Ray Charles, gravada no dueto com Mason, aqui numa versão para quarteto, e “You Can Depend On Me”, popularizada pela orquestra de Count Basie, e “Bring It Back”, tema-título do álbum de 2014. A cantora voltou a Ray Charles com “I Don’t Need No Doctor” e interpretou com enorme *feeling* “Doctor Jazz”, gravada por King Oliver em 1926 (em cuja gravação, o pai, o histórico Luis Russell, de origem panamiana, que foi diretor musical de Louis Armstrong, participou). Também em “Bocas del Toro” a cantora celebrou as suas raízes latinas. Nota ainda para versões enérgicas de “Take the Hands Off the Clock”, de Tiny Bradshaw, e, a fechar, “At the Swing Cats Ball”, outra do pai Luis. Uma viagem ao passado cheia de presente.



O terceiro dia da edição 25 do Angrajazz começou com o superlativo trio do pianista Vijay Iyer, acompanhado por dois jovens incrivelmente talentosos, o contrabaixista Nick Dunston (atualmente a viver em Berlim, onde tem os seus próprios projetos na cena local) e o baterista Jeremy Dutton (fazer com que não se sintam a falta de Tyshawn Sorey não é tarefa para qualquer um). Presença marcante e transformadora no jazz do século XXI, Iyer tem burilado com sagacidade uma linguagem musical que incorpora elementos das músicas criativas das décadas de 1960 e 1970 e das tradições rítmicas do Sul da Ásia e da África Ocidental. As suas composições denotam uma agilidade melódica e um apurado sentido rítmico, por vezes percussivo (Monk não deixa de, a espaços, vir à mente), em movimentos de uma clareza meridiana, mesmo quando permite que a tensão se acumule (geralmente resolvida). Focado sobretudo nos álbuns “Uneasy” (2021) e “Compassion” (2024) – ambos com selo da ECM de Manfred Eicher – o trio demonstrou grande coesão na gestão das interações apertadas desta geometria pitagórica, com a música em constante evolução. No que se escuta abundam subtilezas, fragmentos melódicos telegráficos, que logo se dissolvem para se transformar noutra coisa. Iyer explanou um pianismo tão cerebral quão emotivo, fundado numa grande riqueza vocabular, que tanto se verte em passagens

angulosas como num lirismo esdrúxulo, jamais previsível ou passadista. A dupla rítmica ferveu em lume alto, sempre a puxar a música para a frente. Dunston assinou um punhado de solos de grande nível e o baterista exibiu assinalável leveza (espantoso a jogar com os címbalos), mesmo nos momentos mais intensos. O momento mais especial do concerto foi a comovente interpretação de “Kite”, composição recente dedicada a Rafeat Alareer, poeta, professor e ativista palestino morto durante um ataque aéreo israelita no norte da faixa de Gaza, a 6 de dezembro de 2023. Vijay Iyer é um dos nomes de proa do jazz dos nossos dias e em Angra do Heroísmo ofereceu um grande concerto.



A fechar a terceira noite, o pianista, acordeonista e compositor Ben Rosenblum levou aos Açores o seu projeto Nebula, um septeto formado por jovens mas já muito experientes músicos: Wayne Tucker (trompete), Rafael Rosa (guitarra), Jasper Dutz (saxofone alto, clarinete, flauta), Xavier Del Castillo (saxofone tenor), Marty Jaffe (contrabaixo) e Ben Zweig (bateria). Com raízes no jazz, Rosenblum tergiversa sem receios entre diferentes géneros, num mosaico sonoro que, sendo estimulante, não deixa de levantar a suspeita de que ainda está à procura do

caminho que verdadeiramente deseja trilhar. Senhor de uma escrita arrumada e de especial veia melódica, Rosenblum, antigo aluno de Frank Kimbrough (que lhe falou da experiência mágica deste festival) mergulha nas suas raízes cosmopolitas em Nova Iorque – centrada num jazz de matriz conservatorial – para criar uma música que colhe inspiração em tradições de distintos pontos do planeta (a diversidade decorre também das origens dos próprios músicos). Começou no acordeão com “The Village Steps”, com a energia em alta, e depois apresentou “Catamaran”, inspirada numa viagem pelas ilhas croatas, com a frente de três sopros em destaque, em especial o trompetista. O arranjo colorido de “Sabiá” (também conhecida como “The Song of the Sabiá”, por via da associação a Sinatra), aproximou o tema de Antônio Carlos Jobim (e letra, ausente, de Chico Buarque) do forró, com uso do típico triângulo pela japonesa Yoko Sano, mulher de Rosenblum e convidada especial não anunciada, e a guitarra do porto-riquenho Rafael Rosa. O contrabaixista introduziu “The Bell from Europe” recorrendo ao arco e conferindo uma solenidade complementada pelo trompete de Wayne Tucker. “A Thousand Pebbles”, tema-título do álbum mais recente, é uma suíte dividida em três partes, onde a reminiscências de um hino religioso que Rosenblum escutava em criança na sinagoga se juntam laivos de fusões jazz-rock. Outras peças trouxeram influências tão díspares como as da música irlandesa, do *reggae* ou do folclore búlgaro (“Bulgares”) e alargaram o caldeirão multirreferencial. Um tema novo, “Circulo” (se bem captei), trouxe o colorido rítmico da África ocidental e de Cuba. Atentaremos nos passos que Ben Rosenblum dará no futuro.



Na última jornada da edição deste ano do Angrajazz (no preciso dia em que se assinalaram os 114 anos da implantação da República), o quarteto do saxofonista Ricardo Toscano juntou-se ao Ensemble AH (de Angra do Heroísmo) para revisitar “Charlie Parker with Strings”, título não de um mas de dois álbuns lançados em 1949 e 1950 por uma das figuras maiores da história do jazz. Em vez do tradicional quinteto bebop, as sessões de gravação juntaram Parker a uma orquestra de cordas e a uma secção rítmica de jazz, concretizando um sonho antigo. A empresa teve à data um grande sucesso, embora alguns tivessem logo alfinetado Parker, acusando-o de ceder à pressão do comercialismo. A história deu razão a Bird: a incompreensão inicial transformou-se um reconhecimento generalizado da obra como ousada e pioneira. Estreado há um ano na Culturgest, em Lisboa, este programa foi apresentado no Angrajazz e com músicos da ilha, o que é de sublinhar a traço grosso. Ao saxofonista Ricardo Toscano juntaram-se os comparsas habituais – João Pedro Coelho no piano, Romeu Tristão no contrabaixo e João Pereira na bateria. O quarteto foi acompanhado por uma orquestra constituída por alguns dos melhores músicos ligados ao Conservatório Regional de Angra do Heroísmo, trabalhado pela violinista ucraniana Elena Kharambura e, na ocasião, dirigido por Pedro Moreira, naquele que terá sido o primeiro momento de uma colaboração que

a organização do festival espera possa vir a desenvolver-se no futuro. Toscano continua imparável, uma força da natureza; João Pedro Coelho é um pianista subtil e preciso e Tristão um contrabaixista de maturidade assinalável, garante de segurança; e Pereira um baterista sempre focado no essencial, dispensando adiposidades. Tal como há 75 anos, o repertório foi constituído por standards do cancionero norte-americano como “They Can’t Take That Away From Me”, “East of the Sun (And West of the Moon)”, “Everything Happens To Me” ou “Summertime” - numa leitura delicada - ou “Just Friends”, de balanço irresistível (não esquecer que Ray Brown e Buddy Rich ocupavam os lugares originais, o que quer dizer muito). Surpreendente foi a versão de um obscuro “The Gipsy”, tema de 1945 de Billy Reid, interpretada apenas pelo quarteto, elevando-se um solo carnudo de Romeu Tristão. Fixaram também memórias as leituras de “Rocker” – um original de Gerry Mulligan – e do inescapável “Laura”. Mas o melhor estava guardado para o final, um tema que faz parte do repertório de “Charlie Parker with Strings”, que foi gravado mas que acabou por não ser incluída nos discos: “Ezz-Thetics”, original de George Russell, peça avançada para a época e que não cessa de surpreender pelo arrojo, volvidos três quartos de século.



A fechar, um projeto que sumariza a essência do próprio festival: um quinteto – adequadamente batizado de Angrajazz Legacy Quintet – de matriz “académica” fortemente ancorada na tradição do pós-bop, que celebra a importância da mentoria e da passagem de testemunho para a evolução do género. Dirigida pelo baterista Charles Goold (filho do saxofonista tenor Ned Goold e de mãe haitiana) e com curadoria do também baterista Ulysses Owens Jr., a formação reúne cinco jovens feras muito requisitadas na sempre efervescente cena nova-iorquina, associados à Juilliard: o trompetista Anthony Hervey, o pianista Tyler Bullock e o contrabaixista Thomas Milovac. De todos os músicos, acabou por ser este o que mais surpreendeu, com o seu som encorpado e cheio de classe, quer quando se assumiu como esteio da formação, quer a solar. Juntou-se-lhes o saxofonista siciliano Francesco Cafiso, alguém que nos surpreendeu quando aos 14 anos de idade tocou com Wynton Marsalis, e depois muitos outros. O quinteto logo deixou claro ao que vinha, apresentando uma mescla de *standards* e de temas originais dos músicos presentes, sempre seguindo a coluna vertebral “clássica” (na aceção jazzística, bem entendido), de exposição-solos vários-reexposição. No campo das releituras, escutamos “Seven Steps to Heaven” – de Victor Feldman e Miles Davis, com o seu *drive* acelerado, viciante, servido por solos fogosos de Cafiso e Hervey – e “Caravan” – do lendário trombonista porto-riquenho Juan Tizol e emblema da orquestra de Duke Ellington, num arranjo desafiante lançado pela bateria tentacular do líder a que se juntou um notável uso da surdina por parte do trompetista. (Quem quiser compulsá-la vá a “Triptych Lespri”, segundo álbum de Goold na condição de líder, lançado em junho de 2024.) No campo dos originais, destaque para “Prodigal Son”, reflexão saída da pena do pianista à volta da conhecida parábola bíblica, “A New Trip”, de Cafiso, com o seu tempo rápido, e “Better Days”, um blues do trompetista. Com as nuvens plúmbeas a avolumarem-se num horizonte não muito distante, ansiamos mesmo por dias melhores. O concerto ideal para celebrar os 25 anos do Angrajazz.



No âmbito do Jazz na Rua, evento autónomo que, de acordo com a Associação Cultural Angrajazz, pretende que a «cidade viva o seu festival de uma forma intensa e que mesmo os que não vão ao Centro Cultural experimentem o jazz» e que tanto os locais como os turistas sejam surpreendidos pelo «jazz “ao virar da esquina”». A agenda fez-se de nove concertos (por quatro formações, três locais e uma do continente) em vários locais de Angra do Heroísmo – e também de ações de divulgação destinadas a alunos. A jazz.pt escutou o trio da cantora Sofia Dutra – com Paulo Cunha no contrabaixo e Duarte Silva na bateria –, no dia 3 de outubro, na Livraria Lar Doce Livro na rua de São João. A clássicos como “Dream a Little Dream of Me”, “It’s Only a Paper Moon”, “Cheek to Cheek” ou “When You’re Smiling (The Whole World Smiles With You)”, juntaram-se *crowd pleasers* como “Love me Tender” ou “Don’t Worry Be Happy”. No dia 5 foi a vez de na loja Expert da rua Direita se apresentar o trio da também cantora Sónia Pereira, com Antonella Barletta ao piano e Roberto Rosa no trompete. Os eternos “Fly Me To The Moon”, “L-O-V-E”, “What a Wonderful World” e “Garota de Ipanema” foram alguns dos temas que se escutaram. As *jam sessions*, noite dentro e sempre animadas – por onde passaram muitos dos músicos dos concertos principais com renovado entusiasmo –, aconteceram na Casa do Sal.

Na apresentação do derradeiro dia do festival, José Ribeiro Pinto, membro da direção da Associação Cultural Angrajazz, referiu-se a Sérgio Ávila e a Duarte Ponte, que em 1998 lançaram a ideia da realização de um festival de jazz em Angra do Heroísmo. E lembrou que o apoio concedido ao festival em 2000 foi muito superior ao montante do apoio atual. Sintomático e incompreensível. Como afirmam os organizadores num texto publicado no programa do evento: «Urge que algo mude no que diz respeito aos apoios regionais à cultura, concedidos pelas Direções Regionais do Turismo (DRT) e da Cultura (DRC), que obviamente agradecemos, relativamente aos burocráticos processos de candidatura, aos critérios de avaliação destas, e aos prazos de resposta e de disponibilização das verbas.» À atenção de quem de direito.

E assim se cumpriu mais uma edição do Angrajazz. A próxima já está na agenda: 2, 3 e 4 de outubro de 2025.

A jazz.pt viajou a convite da Associação Cultural Angrajazz.